

PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASILREIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de HegemoniasCEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

DESCOLONIALIDADE, MARXISMO E SERVIÇO SOCIAL NA REALIDADE BRASILEIRA.

Jaqueline Maria Ribeiro da Silva¹

RESUMO

O presente artigo visa explorar algumas categorias marxista que são fundamentais para o Serviço Social de forma decolonial. Compreendendo que o Brasil possui uma especificidade que é importante ser considerada para o pensar e o fazer da profissão, para que possa esta alinhadas e alinhados com o código de ética, com o princípio de defesa intransigente do público que atende, visando a emancipação humano e uma transformação radical da sociedade que está posta. Para explorar determinado tema, foi feito pesquisa bibliografia, pautado do materialismo histórico-dialético, considerando a dimensão crítica. Passando por algumas categorias marxista que dão base para pensar nesse objetivo, por uma breve história do Brasil, buscando trazer alguns elementos para a descolonização do saber e por fim o papel do Serviço Social no processo de decolonialidade e reflexão sobre a efetivação dessa prática seja no meio acadêmico e/ou profissional.

Palavras-chave: Serviço Social 1. Marxismo 2. Decolonialidade 3.

ABSTRACT

This article aims to explore some Marxist categories that are fundamental to Social Work in a decolonial way. Understanding that Brazil has a specificity that is important to be considered for the thinking and doing of the profession, so that it can be aligned with the code of ethics, with the principle of intransigent defense of the public it serves, aiming at human emancipation and a radical transformation of the society that is in place. To explore a certain theme, a bibliography research was carried out, guided by historical-dialectical materialism, considering the critical dimension. Going through some Marxist categories that form the basis for thinking about this objective, through a brief history of Brazil, seeking to bring some elements for the decolonization of knowledge and, finally, the role of Social Work in the process of decoloniality and reflection on the effectiveness of this practice, whether in the academic and/or professional environment.

Keywords: Social Work 1. Marxism 2. Decoloniality 3.

¹ Graduada em Serviço Social (UNINABUCO). Pós- Graduada em Políticas Públicas e Políticas Sociais (ESUDA). Graduanda em Letras – PORT/ING (FCE). Aluna especial na disciplina eletiva: Serviço Social, Ética e Sociedade, do programa de Mestrado em Serviço Social (UFPE). Integrante do Grupo de Pesquisa em raça, gênero e sexualidade Audre Lorde (UFRPE). Chefe de Divisão da Gerência de Igualdade Racial na Prefeitura da Cidade do Recife. E-mail: jaquelineoribeiro2212@gmail.com.

PROMOÇÃO



APOIO



1 INTRODUÇÃO

Desculpa, meu amigo
Eu nada te posso dar,
Na terra que rege o branco
Nos privam até de pensar(...) (RIBEIRO, 2017)

Pensar o Serviço Social no Brasil e na América Latina, é um desafio, já que é preciso refletir as especificidades históricas de cada país/continente, porém necessário para uma profissão que há mais de quatro décadas, tem o compromisso com a classe de trabalhadores e trabalhadoras, considerando toda a sua diversidade de raça, gênero, sexualidade, território, entre outros marcadores sociais.

Considerando esse comprometimento é preciso pensar em como a profissão se coloca para compreender essas singularidades, a fim de chegar cada vez mais próximo de uma totalidade do ser e possa pensar em intervenções efetivas e transformadora.

Assistentes sociais, majoritariamente, partilham e apoiam as lutas, formas de organização e de mobilização referentes a distintas dimensões da vida na defesa de direitos humanos e sociais e de projetos societários das classes subalternas. Estas também são nossas lutas enquanto trabalhadores especializados. (IAMAMOTO ,2022, p. 3)

Sendo assim, consonante com as mudanças e as pautas dos movimentos sociais, a uma urgência a respeito da decolonialidade, podendo ser direcionado a construção desse saber, pelo método do materialismo histórico-dialético, visando uma análise da conjuntura vivida pela população mais vulnerável na sociedade brasileira, alvo de intervenção do Serviço Social, para que desta forma possa se caminhar junto as mudanças sociais, reconhecendo as contradições postas de forma crítica. A presente pesquisa visa ainda que de forma iniciante, e reconhecendo que o presente debate ainda é algo novo na profissão, entender como leituras e práticas decoloniais podem corroborar para atingir tais objetivos.

Compreender decolonialidade e seus diversos conceitos, como aplicar nas pesquisas sociais e/ou na prática profissional, é estar alinhadas(os) com o código de



ética, projeto ético-político e pela busca de uma sociedade que possa ser transformada, com o fim do capital que dita as relações sociais e de poder, como opressões e discriminações de qualquer tipo.

2 Descolonizar o saber, caminhos possíveis para a totalidade Marxista.

A totalidade numa perspectiva histórica é definida por Spinoza como uma forma de compreender a realidade, considerando as suas mais íntimas leis, e coloca luz a causalidade dos fenômenos, as conexões internas, sendo assim coloca-se a antítese à posição do empirismo (KOSIK,1976).

Sobre a noção da totalidade Hegel é o primeiro a conceituá-la, de acordo com Silva e Quintella (2014):

A lógica elaborada por Hegel, parte da concepção que a negatividade e totalidade se pressupõem reciprocamente. Sem a negatividade, o todo não se põe, mas se o todo não é imanente em cada negação, tampouco a negatividade se efetiva de maneira determinada, isto é, positivamente. (p.246)

Marx encontra uma contradição, tomando como princípio dialético e a partir desse processo, elabora em um sentido dialético materialista, logo ele faz oposto da dialética hegeliana na abordagem em relação a totalidade. Em sua obra Manuscritos Econômicos-Filosóficos de 1844, faz uma ferrenha crítica ao idealismo hegeliano, que se coloca oposto à concepção materialista, bem como coloca em dúvida o conceito de Feuerbach sobre o homem, que compreende este como um ser genérico, supra histórico.

Já para Marx o homem é um ser social que é determinado pela história das relações sociais, considerando o homem historicamente em um processo contraditório. Partindo desse conceito, considerando o ser social que é atravessado pelas relações sociais, em um processo histórico contraditório que é necessário refletir sobre a razão, esta como base aos fundamentos da modernidade, tendo sua origem numa concepção francesa de mundo do século XVIII.

Desta maneira o que marca o histórico de desenvolvimento da razão é uma análise eurocentrada. Com a Revolução Francesa, os filósofos puderam constatar a concretude da dinâmica das transformações sociais. Logo, a razão é importante instrumento para apreensão do conhecimento e das mudanças ocorridas na realidade, para Abbagnano (2015) a razão fenomênica, tem como intuito compreender a “essência das coisas”, com objetivo de chegar de forma mais autêntica do que é a realidade.

Uma razão que opera sobre os dados fornecidos pelos sentidos, classifica-os, organiza-os e extrai deles as regularidades (lei), resultando disto o objeto do conhecimento científico. Mas, esta razão terá que se manter sempre ao nível do fenomênico, pois os únicos elementos do mundo que nos são acessíveis são os dados empíricos. (TONET, 2005, p.6)

Para o autor a razão vai conferir a lógica ao mundo, parte dos dados empíricos e retorna elas, mas ainda assim não transforma os dados em uma totalidade organizada, mas sobretudo deixa para os indivíduos realizar esse processo. O método fenomenológico dá a base para a ontologia existencialista, que para Heidegger, o ser é indefinível, já para a razão ontológica, que nasce na modernidade, apesar de existir registro no nascimento da filosofia a ontologia é tida como teoria geral do ser.

Para Marx a ontologia do ser, se relaciona com o fato histórico-social e que vai partir da totalidade, para tal, Marx se fundamental na própria atividade sensível do homem, analisando as formas de ser e existir do ser social. No entanto para o ser social fazer história, é preciso contudo beber, se alimentar, ter abrigos, prioridades que vão surgindo, ao longo que as necessidades primárias se apresentam, logo um processo importante de salientar é o de produção dos meios, que satisfazem essas necessidades materiais. Sendo assim, o modelo pelo qual os homens produzem seus meios de vida depende, antes de tudo, da própria constituição dos meios de vida já encontrados e que eles têm de reproduzir Marx e Engels (2007, p.87).

Partindo desse princípio sobre a ontologia do ser marxista, compreende-se que a constituição do ser social, bem como, os acontecimentos históricos acabam



constituindo os processos que correspondem as necessidades objetivas e subjetivas que vão ser atravessadas pelos determinantes históricos, pela conjuntura da sociedade, política que determinando as formas de relações sociais. No próximo ponto, considerando essas questões a cerca da totalidade, razão e ontologia do ser, será feito uma breve análise da história do Brasil e decolonialidade.

2.1 Um breve Histórico da Sociedade Brasileiro percepções coloniais e decoloniais.

Pensar a sociedade brasileira é retomar sua estrutura colonial, responsável por tráfico humano, exploração (até a morte) de mão de obra de pessoas nativas e pessoas negras sequestradas, enriquecimento e acumulação do capital estrangeiro do sistema escravagista. O Brasil foi invadido por volta de 1500, os colonos importaram para o país violência, doenças, abusos, afim de extrair riqueza para a colônia e ao mesmo tempo impor ao outro, sua realidade, tida já na época como verdade absoluta, desconsiderando religião, cultura e modo de viver de outros povos, e todos aqueles que agissem ou performasse diferente do que eles esperavam, eram tidos como selvagens.

(...) ninguém coloniza inocentemente, que ninguém coloniza impunemente; que uma nação colonizadora, uma civilização que justifica a colonização – portanto a força – já é uma civilização doente, uma civilização moralmente atingida que, irresistivelmente, de consequência em consequência, de negação em negação, chama seu Hitler, quero dizer, seu castigo. (CÉSAIRE, 2008, p.21)

Com essa passagem do filósofo Aimé Césaire é possível refletir a cerca de homens que a partir do centro europeu, de sua realidade, passam a julgar outras realidades, sendo assim, os povos que encontravam, quanto mais distantes estavam da fita métrica do que poderia ser considerado civilização, eram bestializado e em nome dessa civilização acabam por comentarem barbáries, sem ao menos, serem capazes de reconhecer que eles a partir dessas práticas, os colonizadores que se tornavam os verdadeiros selvagens.



Voltando a conjuntura brasileira, após a abolição, o país passa a vivenciar a modernidade, com operários estrangeiros (vale ressaltar brancos), europeus, vindo ocupar os trabalhos assalariados das fabricas, tendo uma relevante atuação para o desenvolvimento, bem como a construção da consciência de classe, se revoltaram contra as condições de trabalho no país, fizeram rebeliões e lutas operarias.

Nas escolas, universidade e em várias pesquisas é possível encontrar essa passagem histórica, esse tipo de explicação de um Brasil colonial e pós-colonial. A quem diga que D. Pedro I foi um herói, a declarar a independência do Brasil, ou que a Lei Aurea foi importante para a libertação de pessoas negras escravizadas.

Porém não ouvimos falar da navegação de pessoas negras que chegaram muito antes na América, não se da devida importância quando ainda em pleno sistema escravagista negros e indígenas se colocavam contra seus opressores, criando estratégias de sobrevivência ao sistema posto, criando Quilombos com um sistema político parecido com que vivenciavam em alguns países da África, e em meio a toda adversidade, perseguição e exploração esses povos indígenas e africanos vão resistir e ser resistência até o momento presente.

Marx vai dizer que a história de todas as sociedades que já existiram é a história de luta de classes, ou seja, de opressores e oprimidos, considerando ainda que o capital estrutura sua acumulação através da mão de obra escrava, as revoltas das pessoas escravizadas e suas estratégias de libertação, assim como a negação dos povos originários em aceitar o trabalho que lhe era imposto, não foi uma revolta de classes e por tanto luta de classe?

A acumulação capitalista ela se dá também através da escravidão, nesse período os mais ricos não eram senhores de açúcar ou ouro, mais sim contrabandistas de pessoas escravizadas. Para Passos (2021) a partir da ontologia marxista, é possível compreender como se desenvolveu o histórico da humanidade, e a partir do legado dele podemos concluir que as relações sociais, são pautadas pela produção, e o grau desta determinará essas relações, sendo assim o modo que se produz da vida material, acaba por limitar a vida social, política, bem como intelectual.

A autora sinaliza que,

A necessidade de entendermos como a concepção de ser social foi forjada na modernidade, sem levar em consideração a colonialidade e o racismo. (...) a modernidade compõe uma forma de colonização do tempo, centrando os adventos históricos em solo europeu, ocasionando uma leitura fragmentada e parcial da realidade. (Passos, 2021, p.57)

Esta concepção de colonialidade do ser, não pode estar desassociada da colonialidade do saber, (Passos, 2021). Sendo assim, tanto o conhecimento do Serviço Social quanto a própria prática, estão carregadas ainda de uma lógica colonial que vai influenciar na totalidade do ser, na ontologia do ser e da forma materialista histórico-dialético do qual constrói a história.

Enquanto profissionais de Serviço Social que lidam diretamente com as mazelas do capitalismo, estarmos atentos e alinhados com o código de ética, o projeto ético político, e a teoria que da luz a nossa prática, é essencial para dar respostas as demandas que se apresentam. Porém, falar em marxismo diante dos marcadores sociais como gênero, raça e sexualidade que estão intimamente imbricados com a formação da nossa sociedade, tem causado diversas dúvidas e receios a essas abordagens mais específicas.

Para sanar tais dificuldade é necessário cada vez mais profissionais se debruçarem sobre o tema, no meio acadêmico levar tal pesquisa para após graduação, sendo o compromisso de profissionais negros ou não negros, para não cair na armadilha de que trabalhar essa perspectiva é de viés de militância ou apenas de profissionais e acadêmicas e acadêmicos negro. Quando Djamila Ribeiro teoria sobre o lugar de falar, é sobre falar de todas essas questões a partir do lugar do locutor.

3 CONCLUSÃO

Longe de sanar o debate nesse artigo. Na verdade, são indagações e prováveis caminhos a percorrer, a fim de descolonizar pensamento e práticas, tais reflexões foram feitas a partir de bibliografias cuidadosamente selecionadas nesse primeiro momento, junto a anseios que surgem no cotidiano na prática profissional, alinhado com a pesquisas acadêmicas, que tornaram possível escrever essa pesquisa.

Se percebe, a necessidade e urgência de um marxismo para além dos muros acadêmicos, de um marxismo palpável, tendo negritado, mais do que nunca, quanto sua teoria e seu método é fundamental, para desvendar a realidade, pensar em um projeto societário diferente do que vivenciamos (com o acirramento das desigualdades), para superação do capitalismo, por um projeto complexo, que visa a emancipação humana e política, tida aqui como uma luta anticapitalista e antirracista.

Para tal caminhar para a decolonialidade, buscando justamente o contra ponto da colonialidade, das histórias que são imposta a partir de um centro europeu, que por vezes não considera as questões como gênero, raça, sexualidade, território, geração, faz com que a atuação e a própria forma de enxergar esses atravessamentos, sejam enviesados para uma linha tênue entre verdade científica e preconceitos, racismo, sexismo, homofobia, entre outros, que também, por muitos anos, tiveram base em científicas para suas justificativas.

Visando a mudança radical do status quo, precisamos criar caminhos para superar a hegemonia colonial e buscar cada vez mais contar a nossa própria historia e através dela criar e recriar estratégias de emancipação humana, em busca de humanismo real, por uma sociedade que possa respeitar todo e qualquer tipo de diferença, com acesso a distribuição de riqueza de forma equalitária, e a profissão do Serviço Social cada vez mais tem se colocado como um forte instrumento para a contribuição dessas mudanças.



REFERÊNCIAS

Anderson, Kevin B. **Marx nas Margens: Nacionalismo, Etnias e Sociedades não Ocidentais**. São Paulo, Boi Tempo, 2019.

CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre o colonialismo**.

EURICO, Márcia C. Et al. **Questão Racial, Serviço Social e os desafios contemporâneos**. Campinas, Edt. Papel Social, 2021.

KOSIK, Karel. **Dialética do concreto**. [Tradução de Célia Neves e Alderico Turibio] 2ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976. (Rumos da cultura moderna).

MANOEL, Jones. **Sobre Marx nas margens**. The International Marxist-Huanist, 2019. Disponível em: <https://imhojournal.org/articles/marx-era-um-pensador-eurocentrico-e-racista/>. Acesso em: 15 març. 2023.

MARX, K. Engels, F. **A ideologia alemã**. São Paulo. Editora Boitempo, 2007.

MARX, Karl e Friedrich Engels. **O Manifesto Comunista**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2011.

MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. São Paulo. Editora Boitempo, 2010.

MUSTAFÁ, Alexandra, **Ética no serviço social brasileiro: filosofia, política e formação profissional: um olhar geral para divulgação no serviço social italiano**.

PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



Recife, Editora UFPE, 2020.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017.

SILVA, Mariana Favareto. QUINTELLE, Siumara Silvira Melo. **A categoria da totalidade concreta: o epistemológico e ontológico na definição de um objeto de investigação científica.** Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade, Bebedouro –SP,1(1):245-256,2014. Disponível em: <https://www.unifafibe.com.br/revistasonline/arquivos/cadernodeeducacao/sumario/31/04042014074624.pdf>.

Acessado:26/05/2023.

SILVA. Maria Ozanira da Silva e. **O Serviço Social e o Popular: resgate teórico-metodológico do Projeto Profissional de Ruptura.** São Paulo, Cortez, 2011.

SILVIO, Almeida. **Marxismo e Questão Racial.** São Paulo, Boi Tempo, 2016

TONET, Ivo. **Modernidade, pós-modernidade e razão.** Revista Temporalis, Brasília, ano 5, n.10, 2005. P. 5-12

PROMOÇÃO



APOIO

